

Ferreira, José Ribeiro e Carlos Guimarães, *Filoctetes em Sófocles e em Heiner Müller*. Coimbra, Faculdade de Letras, 1987, 77p.

Embora o mito de Filoctetes, herói grego do ciclo troiano, não tenha sido muito difundido no passado, neste nosso século parece estar ganhando cada vez mais espaço nos debates intelectuais e artísticos.

Sendo o *Filoctetes* de Sófocles o único texto literário que está inteiro, (perderam-se os interessantes tratamentos que Ésquilo e Eurípides teriam dado ao mito), é sobre esse texto que alguns dramaturgos vão debruçar-se e compor novas *fabulae*. André Gide (1869-1951) fez uma adaptação teatral e Heiner Müller retomou vigorosamente o texto de Sófocles.

Por ocasião da apresentação da obra de Heiner Müller na Universidade de Coimbra em 1987, organizou-se uma "sessão cultural em que José Ribeiro Ferreira, um dos tradutores do *Filoctetes* em Portugal e o professor Dr. Carlos Guimarães do Instituto de Estudos Alemães conferenciaram sobre os dois textos. O Conselho Diretivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dando continuidade a uma série de publicações, publicou as duas conferências no seu quarto número da "Coleção de Estudos".

O texto "O *Filoctetes* de Sófocles" de José Ribeiro Ferreira primeiramente apresenta um resumo do mito de Filoctetes, dando uma minuciosa notícia da iconografia sobre o tema em cerâmicas gregas. Seu passo seguinte é de, através dos comentadores antigos e poucos fragmentos, resumir os argumentos possíveis das peças de Ésquilo e de Eurípides.

Após esses elementos introdutórios passa à sua análise do texto de Sófocles, ressaltando a vantagem que Sófocles tira por modificar alguns elementos presentes em ambos os textos antecedentes. Uma das modificações principais é a alteração do coro de habitantes de Lemnos para um coro de marinheiros que acompanharam Ulisses e Neoptólemo na missão de resgatar, primeiro o arco e depois o homem Filoctetes. A intervenção de um *deus ex machina* no final teria a função de mostrar um Filoctetes que, apesar de maldizer os deuses por seus males, "desejava ardentemente acreditar que os deuses haviam determinado a sua partida para Tróia" (p. 35). Mas o que Sófocles consegue com as modificações repousa "no contraste entre três figuras, duas que se opõem frontalmente, Filoctetes e Ulisses, e uma terceira, Neoptólemo, que é atraída ora para a esfera de um, ora para esfera de outro. Da correlação de forças entre estas três personagens nasce e se desenvolve a ação" (p. 16).

Em sua análise das personagens do drama, apresenta o Filoctetes como sendo uma figura heróica que se recusa a voltar ao combate; Ulisses, o opositor frontal "para quem tudo é relativo" (p. 19), trabalha para o interesse da coletividade, embora use para isso a força, a violência física e moral, e está relacionado com figuras presentes nas *Nuvens* de Aristófanes, no *Górgias* e na *República* de Platão, e nas *Fenícias* de Eurípides, e com personagens históricas citadas por Tucídides na *Guerra do Pelo-*

poneso. Neoptólemo é o jovem que quer a glória guerreira, mas é "inexperiente e influenciável" e não distingue com clareza o bem do mal" (p. 24). Mas ao contatar Filoctetes percebe que a realidade é outra. Ao voltar atrás, revelando a trama por Ulisses, rejeita a **sophia** de Ulisses, transformando-se no "modelo isento de **hybris**, de respeito pelos outros, de verdade e fidelidade à palavra dada" (p. 28). Para o autor, Neoptólemo é um "herói mais condizente do que Filoctetes com o que se pensava ser o governante ideal da democracia" (p. 29).

Para o professor José Ribeiro Ferreira o texto de Sófocles apresenta uma "Crítica mais direta e contundente da guerra" (p. 31). A vinda de Hércules, como **deus ex machina**, determina a busca na mudança de atitude de Filoctetes. "Só uma voz acima de toda a suspeita – de cuja amizade, aliás, Filoctetes falara já por mais de uma vez (cf. vv. 801-803, 1131-1132, 1406) – podia dissolver a descrença e neutralizar a resistência" (p. 37). Conclui que "a tragédia de Sófocles, representada em 409, equaciona problemas morais, sociais, educativos e veicula ideias cuja discussão estaria em voga na altura" (p. 38). O texto seria também um apelo à harmonia, à união e ao respeito nas relações humanas, nos fins da Guerra do Peloponeso (p. 39).

O texto "O **Philoctet** de Heiner Müller" apresentado pelo prof. Dr. Carlos Guimarães, começa por acentuar as diferenças básicas entre o texto de Heiner Müller e o de Sófocles: o final de Sófocles "reestabelecimento do equilíbrio" resulta na cura e na glória dos guerreiros (p. 43); no texto de Heiner Müller, escrito entre 1958 e 1964, Filoctetes surpreendentemente é morto por Neoptólemo acentuando ainda mais o caráter ardiloso e pragmático de Ulisses.

Entretanto, mais que diferenças, o autor está preocupado em apresentar "a adequação" do "rico material mitológico e literário disponível – foi no **Filoctetes** de Sófocles que Heiner Müller encontrou o pré-texto (o hipotexto) do seu drama" (p. 44). Devido ao grande interesse de Heiner Müller em trabalhar com temas da antiguidade clássica, o autor julga difícil discernir o que é de Sófocles e o que é de Heiner Müller.

Para a sua análise do texto, Carlos Guimarães afirma estar percorrendo o trabalho de Manfred Kraus (**Heiner Müller und die griechische Tragödie. "Dargestellt am Beispiel des Philoktet"**, Poetica, 17. Band, 1985). Resumindo brevemente a peça de Heiner Müller, acentua as semelhanças entre ambas. Chama a atenção para a "apropriação por Müller de motivos (astúcia) e metáforas da esfera de pesca, como variante da esfera da caça sofoclianos" (p. 48) e para o possível erro cometido por Heiner Müller que afirma Filoctetes ser originário de Melos e não de Málide como afirma a tradição clássica. Aponta, para a discussão, o texto de Manfred Kraus que justifica a "hipótese de Melos ser deliberadamente utilizada como alusão a uma crítica política de opressão simbolizada no "diálogo de Melos" de Tucídides" (p. 49). Mas sustenta que talvez o erro se origine da tradução usada do texto de Sófocles: aquela de que dispõe, é a de Wilhem Kuchenmüller (Stuttgart, 1955), apresenta o erro no verso 725: "ninfas de Melos", no lugar de "ninfas de Málide" (p. 49).

Ressalta ainda outras diferenças: eliminação de personagens secundárias, vigia na figura de mercador, Hércules, a ausência do coro – conseqüentemente a alteração

do desfecho e da concepção da guerra. A ausência também do oráculo e de Heleno, isenta o texto de Müller de preocupações com o sagrado, restando apenas o jogo dos seres humanos. "Ulisses surge, do início até o final, como o motor da intriga (no duplo sentido da palavra)" (p. 50). Seu Neoptólmo "surge movido mais do que pela piedade, pela ambição e pelo ódio a Ulisses" (p. 51). Seu Filoctetes nutre um ódio não só a Ulisses mas extensivo a todos os gregos; "alarga-se a toda humanidade" (p. 51). Desta forma, "a constelação das personagens em Sófocles, dominada pela figura positiva de Filoctetes e pela figura, por natureza também positiva, de Neoptólmo (só temporariamente atraída para a esfera da influência de Ulisses), cabendo a este papel negativo relativamente modesto, é assim radicalmente subvertida" (p. 52). O efeito conseguido com esse modelo triangular está na esteira de Brecht em "Das Badener Lehrstück von Einverständnis" (**Gesammelte Werke**, Frankfurt am Main, 1967)." Da concentração no jogo das três figuras, assim entendido, resulta todo o resto: que o coro seja dispensado, que a acção seja dessacralizada; que o final **não o possa ser senão aquele**". (p. 54).

Para explicar a justaposição de textos, o autor cita o próprio Heiner Müller em seu "Bildeschreiburg" (in **Shakespeare Factory 1**, Berlin, 1985): "o texto próprio e o texto-outro justapõem-se assim numa relação de contiguidade nem sempre visível à vista desarmada mas que "a máquina de leitura" deve ser capaz de detectar: o texto é um palimpsesto" (p.56).

O que então seria **Philoctetes**? Um libelo anti-imperialista contra a guerra, um ajuste de contas com "a tragédia imanente do marxismo-leninismo", com o estalinismo, com a apologia do estalinismo? Segundo o autor, o texto é uma "parábola sobre a "pré-história" da humanidade e sobre os seus vestígios no tempo e no espaço do socialismo" (p. 63).

Como série experimental, o texto **Philoctetes** está unido a dois outros textos de Heiner Müller: **O Horácio** (1968) e **Mauser** (1970), (recentemente reunidos em um espetáculo de título **ERAS** encenado em São Paulo pelo grupo "Teatro Pequeno da Cooperativa Paulista de Teatro", no Teatro do SESC-Pompéia, segundo semestre de 1988), e segundo o próprio Heiner Müller "são a formulação paradigmática de experiências coletivas que podem ser reinterpretadas de um modo sempre novo" (p. 67), sem cair contudo na mera tentativa de atualização, mas buscando sempre no texto o que ainda tem vigor para uma possível leitura.

Fernando Brandão dos Santos
(UNESP-FCL Campus de Araraquara)